

SORAIA FILIPA PIÇARRA OLIVEIRA

**CRIATIVIDADE: DIFERENÇAS DE SEXO NA CRIAÇÃO DE FALSAS
MEMÓRIAS**

Orientadora: Professora Doutora Laura Alho

Coorientador: Professor Doutor Pedro Rodrigues

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Dissertação de Mestrado em Psicologia Forense

Lisboa

2020

SORAIA FILIPA PIÇARRA OLIVEIRA

**CRIATIVIDADE: DIFERENÇAS DE SEXO NA CRIAÇÃO DE FALSAS
MEMÓRIAS**

Dissertação defendida em provas públicas para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Forense no Curso de Mestrado em Psicologia Forense, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, segundo o Despacho de Nomeação de Júri, nº 132/2020 com a seguinte composição de júri:

Presidente: Professora Doutora Joana Carvalho

Arguente: Professor Doutor Jorge Oliveira

Orientadora: Professora Doutora Laura Alho

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Dissertação de Mestrado em Psicologia Forense

Lisboa

2020

Epígrafe

“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível”.

Charles Chaplin

Dedicatória

Dedico todo o meu esforço e trabalho a ti Pai (in memoriam).

*Tenho a certeza de que, estejas onde estiveres, não poderias
estar mais orgulhoso da tua menina.*

Agradecimentos

Nesta longa caminhada contei com o apoio de algumas pessoas muito especiais, no entanto, faltam as palavras para exprimir o meu mais sincero agradecimento.

Um enorme obrigada à minha orientadora, Professora Doutora Laura Alho, que sempre me apoiou desde o início até ao fim nesta árdua caminhada, obrigada por me fazer sempre acreditar que sou capaz e que desistir não é a solução.

Um grande obrigada ao meu coorientador, Professor Doutor Pedro Rodrigues, que sempre se mostrou disponível para me ajudar quando mais precisei.

À Professora Doutora Sara Ibérico Nogueira, quero agradecer por todo o apoio e disponibilidade ao longo deste projeto.

A vocês, Avó Lúgia e Avô Luís, o meu mais sincero obrigada, por me terem dado a oportunidade de realizar este sonho e por estarem sempre do meu lado, mesmo à distância.

À minha querida Mãe, obrigada pelo apoio, carinho e valores transmitidos ao longo da vida, entre os quais a garra para nunca deixar de lutar.

A vocês, Avó Mariana (Ita) e Avô José (Rapilha), por serem um suporte sem igual ao longo da vida, por me terem ajudado a crescer e acima de tudo por todo o carinho.

À minha irmãzinha Sara, por ser a companheira/amiga de todas as horas, que sempre me motivou e deu o seu melhor para que eu nunca perdesse o foco quando por vezes a vontade era de desistir.

Aos meus grandes pilares, Inês Pereira, Irina Luz, Rute Abreu e Marta Braz, o meu mais sincero obrigada pelos ensinamentos, pelas palavras sábias, pelo suporte constante e acima de tudo pela amizade verdadeira.

Ao meu namorado, João Soares, obrigada por teres caminhado ao meu lado, por seres um apoio constante, por teres sido tão compreensivo e paciente ao longo destes anos e, acima de tudo, pelo amor incondicional.

Àquelas que estão comigo desde o início, as melhores amigas que a Lusófona me deu, Daniela Salgado, Vanessa Almeida, Carolina Bartolomeu, Rita Amorim, Daniela Almeida e Gabriela Tenente. Não é de sempre, mas é para sempre.

A ti Afilhada, obrigada pela ajuda constante e pelo ombro amigo nos momentos mais difíceis.

A vocês, Catarina Carneiro e Maura Olaio, pelo suporte e paciência que tiveram comigo, por me tranquilizarem quando os nervos falavam mais alto e pelas palavras de carinho constantes. Trilhámos juntas este percurso, não poderia estar mais grata.

À equipa da CPCJ da Moita, Dulcina Oliveira, Ana Marques, Ana Maronel, Ana Paula Barata, Anabela Birrento, António Reforço, Carina Pereira, Haia Sofia por terem acompanhado o meu crescimento e por me ajudarem sempre nos momentos de maior insegurança. Muito brigada.

Um enorme obrigada à Doutora Teresa Mendes responsável da Residência Universitária Feminina da Universidade Católica e ao Padre Carlos Ângelo responsável pelo Colégio Universitário Pio XII, pela disponibilidade e cedência do espaço para recolha da amostra para a presente investigação.

Por fim, mas não menos importante, ao Daniel Costa um enorme obrigada, por se prontificar desde o início a ajudar no acesso aos participantes a ingressarem no estudo.

Resumo

O fenómeno das falsas memórias corresponde a uma das temáticas mais estudadas no âmbito forense. Desta forma, avaliar os possíveis fatores que podem produzir as mesmas torna-se essencial, por forma a garantir testemunhos o mais fidedignos possível e consequente redução de condenações de indivíduos injustamente em contexto judicial.

O presente estudo procura avaliar alguns fatores que, de acordo com a literatura, podem assumir-se como preditores da criação de falsas memórias, nomeadamente a criatividade, as diferenças entre sexos e o stresse. Desta forma, 118 estudantes universitários (59 de cada sexo) foram submetidos a uma tarefa experimental que consistia na visualização de um vídeo (crime ou neutro), preenchimento de escalas, questionários e realização de uma tarefa de evocação livre a fim de verificar a existência de falsas memórias.

Os resultados encontrados revelam que a natureza do evento (crime vs. neutro) tem influência na criação de falsas memórias, sendo os eventos mais stressantes os que mais potenciam a criação de falsas memórias. No entanto, a criatividade não parece ter interferência na criação de falsas memórias e o número destas não depende do sexo dos participantes.

Palavras-chave: Psicologia forense, testemunho, falsas memórias; criatividade, sexo.

Abstract

The phenomenon of false memories corresponds to one of the most studied topics in the field of forensics. Therefore, evaluating the possible factors that may produce them is essential, in order to guarantee the most reliable testimonies possible and the consequent reduction of convictions of individuals unjustly in a judicial context.

The present study aims to evaluate some factors that, according to the literature, can be assumed as predictors of the creation of false memories, namely creativity, the differences between sexes and stress. Thus, 118 university students (59 of each sex) were subjected to an experimental task that consisted of viewing a video (crime or neutral), filling in scales, questionnaires and performing a free recall task in order to verify the existence of false memories.

The results found reveal that the nature of the event (crime vs. neutral) has an influence on the creation of false memories, with the most stressful events being those that most potentiate the creation of false memories. However, creativity does not seem to interfere with the creation of false memories and the number of these does not depend on the sex of the participants.

Key-words: Forensic psychology, testimony, false memories; creativity, sex.

Abreviaturas

FM – Falsas Memórias

MS – Memória Sensorial

MCP – Memória a Curto Prazo

MLP – Memória a Longo Prazo

TCT-DP – Test of Creative Thinking - Drawing Production

TEL – Tarefa de Evocação Livre

Índice

PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
Introdução	14
1.1. Memória	15
1.1.1. Falsas Memórias	19
1.1.2. Criatividade no estudo das Falsas Memórias	23
1.1.3. Sexo no estudo das Falsas Memórias	25
1.2. Objetivos do estudo	26
PARTE II - METODOLOGIA	28
2.1. Metodologia	29
2.2. Participantes	29
2.3. Materiais	29
2.3.1. Instrumentos	29
2.3.2. Vídeos	33
2.4. Procedimento experimental	34
2.5. Análise estatística	37
PARTE III - RESULTADOS E DISCUSSÃO	38
3.1. Resultados	39
3.1.1. Criatividade	39
3.1.1.1. Criatividade e Erros de Memória	39
3.1.1.2. Criatividade e Erros, tendo em conta o Grupo (controlo vs. experimental)	41
3.1.2. Erros e Stresse nos Grupos (controlo vs. experimental)	42
3.1.2.1 Relação dos Erros de Memória com o Sexo e o Stresse	43
3.1.3. Detalhes centrais no Grupo experimental (vs. Grupo de controlo).....	43
3.1.4. Detalhes periféricos no Grupo experimental (vs. Grupo de controlo).....	44
3.1.5. Questionários sobre os vídeos	44
3.2. Discussão.....	46
Conclusão	53
Referências	55

Apêndices

Apêndice I – Questionários dos vídeos

Anexos

Anexo I – Escala subjetiva de stresse - Visual Analogue Scale (VAS)

Anexo II – Escala de criatividade - Test of Creative Thinking-Drawing Production (TCT-DP)

Anexo III – Consentimento Informado

Anexo IV – Questionário Sociodemográfico

Figuras

Figura 1 – Modelo Multiarmazenamento adaptado de Atkinson e Shiffrin (1968)

Figura 2 – Fases do procedimento experimental

Tabelas

Tabela 1 – Grupo de criatividade (criativo vs. não criativo; percentil 50) e erros de memória

Tabela 2 – Grupo de criatividade (criativo vs. não criativo; percentil 70) e erros de memória

Tabela 3 – Grupo experimental - Valores de Acertos, Erros e “Não sei’s”

Tabela 4 – Grupo de controlo - Valores de Acertos, Erros e “Não sei’s”

PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Introdução

No final do século XIX verificou-se uma constante utilização dos recursos da psicologia no âmbito do direito, que mais tarde veio originar o ramo da Psicologia Forense. A Psicologia Forense, apesar de ser explicada através de inúmeros conceitos e vertentes, pode definir-se como a aplicação das teorias psicológicas nas questões judiciais, com o objetivo de atingir a perceção entre o binómio Lei-Sujeito (Manita & Machado, 2012).

No que diz respeito à vertente do testemunho, verifica-se que esta tem sido uma das áreas de atuação do psicólogo forense em que mais se tem apostado e que mais tem sido estudada pelos investigadores. É uma área relacionada com a avaliação da veracidade dos depoimentos, bem como da simulação no âmbito judicial (Ferreira, 2016; Manita & Machado, 2012). Em contexto judicial, importa que o depoimento de uma testemunha seja o mais credível possível, no entanto, a credibilidade, assim como a memória, é afetada por uma série de variáveis. A mente humana percebe e retém informação que pode variar consoante inúmeros fatores involuntários ao sujeito que podem ser de cariz interno (e.g., como o próprio sistema sensorial e o estado emocional) e externo (e.g., o meio sociocultural em que se insere). Em conjunto, estes fatores podem alterar a realidade e consequentemente a recordação que o indivíduo possui do evento (Ambrosio, 2010).

Na medida em que o depoimento é tido como essencial para as decisões jurídicas, o objetivo fulcral da psicologia do testemunho passa por tentar aproximar-se ao máximo da veracidade dos factos por forma a diminuir os erros que podem emergir de falsos testemunhos. Desta forma, o testemunho encontra-se comumente associado ao erro, no entanto, com o auxílio de instrumentos de avaliação psicológica é possível alcançar um testemunho de maior qualidade (Reis, 2014).

Desta forma, a presente dissertação tem como objetivo o estudo da memória, mais concretamente das falsas memórias (FM), apresentando-se de seguida uma breve revisão da

literatura acerca destas temáticas, nomeadamente apresentados os principais estudos experimentais que impulsionaram o desenvolvimento da investigação científica nesta vertente.

1.1. Memória

A memória é um processo cognitivo bastante complexo que envolve inúmeros mecanismos interligados e que permitem a sobrevivência humana (Faria, Pinho, Gonçalves & Pandeirada, 2009). Nos seres humanos, a memória é resultado da combinação de aspetos biológicos e sociais, que posteriormente influenciam a forma como os indivíduos se desenvolvem e adaptam às circunstâncias que surgem no quotidiano (Dias & Fernandez, 2011). Pode afirmar-se que sem memória não há aprendizagem, pois todos os conhecimentos e ideias que o homem possui foram adquiridos pelas inúmeras experiências ao longo da sua vida, mas só prevalecem até hoje pois foram armazenados na memória (Reis, 2014).

Segundo Sternberg (2008), a memória pode ser determinada pela capacidade que os indivíduos possuem para adquirir, armazenar e recuperar as informações provenientes de eventos passados, para posteriormente poderem utilizá-las. No entanto, e uma vez que a memória é um processo reconstutivo de eventos, sobretudo passados, este pode ser propício a erros, uma vez que as informações armazenadas podem ser manipuladas pelos conhecimentos atuais e crenças dos sujeitos, podendo originar uma recordação diferente da vivenciada pelos mesmos (Schacter, 2012).

A memória humana é definida por três etapas fundamentais necessárias ao processo de memorização, sendo elas a codificação, o armazenamento e a recuperação. A codificação diz respeito à primeira fase da memória, em que, toda a informação adquirida pelo sistema sensorial vai ser codificada, ou seja, vai ser transformada em “linguagem cerebral” de modo a posteriormente poder ser armazenada no cérebro. Depois de codificada, a informação vai ser armazenada, isto é, vai ser conservada para mais tarde poder ser utilizada. Por fim, a

recuperação diz respeito ao acesso à informação que estava armazenada, que permite aos indivíduos recordarem/evocarem determinados eventos. Desta forma, para haver recordação é necessário que sejam efetuados com sucesso estes três estádios mnésicos (McDermott & Roediger, 2018; Sternberg, 2008).

Atendendo ao Modelo Multiarmazenamento ou Modelo Modal de Atkinson e Shiffrin (1968), verifica-se a existência de três tipos de memória interligados, sendo eles a memória sensorial (MS), a memória a curto prazo (MCP) e a memória a longo prazo (MLP), como descrito seguidamente:

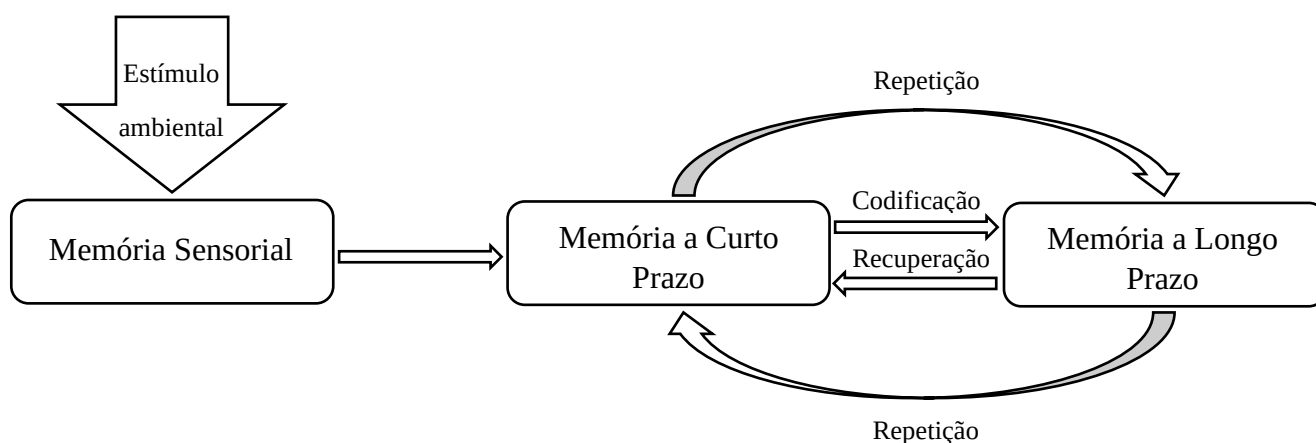


Figura 1 – Modelo Multiarmazenamento adaptado de Atkinson e Shiffrin (1968)

A MS, diz respeito ao momento inicial de aquisição da informação, em que a mesma é recebida por todos os órgãos dos sentidos, implicando aqui a presença dos processos de atenção para proceder à seleção da informação relevante, onde fica armazenada durante milésimos de segundo após a ausência do estímulo percebido, havendo assim, a necessidade de esta passar para o segundo tipo de armazenamento mais utilizável: a MCP, ou memória de trabalho, que apenas retém uma quantidade limitada de informação durante muito pouco tempo (cerca de 30 segundos), sendo que, depois disto, ou a informação é esquecida ou, se a mesma for

trabalhada, por exemplo através da repetição, pode passar para a seguinte fase do armazenamento, a MLP, onde vai perdurar nesta por tempo ilimitado, uma vez que a mesma possui uma capacidade de armazenar a informação por períodos que podem ir desde minutos, dias ou até mesmo anos (García, 2018; Sternberg, 2008). Segundo Atkinson & Shiffrin (1968), a MLP armazena a informação não ativa, que deve ser recuperada para ser utilizada, desta forma, a interação constante entre a MCP e a MLP ocorre de forma cíclica, pois quando ocorre a recordação da informação, esta retorna à MCP por forma a ser associada à nova informação, garantindo uma resposta adaptativa por parte do ser humano.

De acordo com a MLP, esta encontra-se subdividida em diversas categorias, sendo a memória autobiográfica e a memória episódica sobre as quais irá incidir o presente estudo, na medida em que estas permitem a recordação da informação presente em determinados eventos. A memória autobiográfica encontra-se comumente associada a um subtipo da memória episódica, no entanto verificam-se diferenças entre ambas (Balola & Cláudio, 2014; Costa, 2011; García, 2018). A memória episódica permite a recordação espaço-temporal consciente de informação proveniente de vivências concretas experienciadas pessoalmente pelos indivíduos como testemunhas, ao passo que a memória autobiográfica é responsável pelo armazenamento de experiências passadas que permitem a recordação de aspetos pessoais, íntimos e significativos (sentimentos, pensamentos) que proporcionam a base da identidade dos sujeitos (Frank & Fernandez, 2006; García, 2018). Desta forma, a primeira encontra-se mais associada à participação pessoal enquanto espectador e a segunda associada à biografia/história pessoal (García, 2018; Tulving, 1972).

Os primeiros estudos acerca da memória tiveram início com Bartlett (1932) que reconheceu a memória como construtiva, ou seja, o conhecimento e as expectativas que os indivíduos possuem interferem com a memória, mais propriamente com os processos que constituem a memória (codificação, armazenamento e recuperação). Desta forma, a memória

deixou de ser reconhecida pelo seu papel reconstrutivo, em que a informação armazenada seria inteiramente reconstruída, mas sim pelo seu papel construtivo, em que a informação armazenada seria afetada pelas crenças e novas informações adquiridas pelos sujeitos (Callegaro, 2005).

No decorrer da transformação da informação sensorial em representações mentais (codificação), se o indivíduo focar a sua atenção em pormenores concretos e desprezar outros que considere menos relevantes, podem ocorrer distorções mnésicas (erros no processamento da informação) e consequentemente falhas na recuperação. A informação processada pode ser induzida ao erro devido a variadas circunstâncias e fatores, tais como a presença de armas em crimes. A este fenómeno dá-se o nome de efeito de “foco na arma”, em que a testemunha de um crime com recurso a uma arma irá focar a sua atenção no objeto (arma) e consequentemente perder o foco de outros detalhes relevantes presentes no cenário, tais como as próprias características do criminoso (Loftus, Loftus, & Meso, 1987; Scott, 2010; Steblay, 1992). A arma encontra-se associada a emoções negativas stressantes que, de acordo com a literatura, têm influência na interpretação que os sujeitos têm da cena de crime, sendo que o stress deteriora a cognição urgindo posteriormente possíveis erros de memória ao nível do reconhecimento (Houston, Clifford, Phillips & Memon, 2013; Morgan III et al., 2004; Scott, 2010).

Segundo Hyman e Billings Jr. (1998) são inúmeros os fatores que podem influenciar no aumento da criação de FM, tais como as características individuais e de personalidade dos sujeitos, a corroboração de terceiros de que determinado evento foi vivenciado pelo sujeito, apesar de tal experiência não ter acontecido, ou até mesmo o contínuo questionamento acerca de eventos/informações falsos.

Estas premissas vão ao encontro da noção de que a memória apresenta limitações, é imprecisa, propícia a falhas e, por consequência, não é fiável. Desta forma, muitos foram os estudos que se desenvolveram no âmbito dos erros de memória, sendo que estes podem ser

erros de omissão, em que o indivíduo não consegue recordar um evento efetivamente vivenciado pelo mesmo (esquecimento), ou erros de comissão ou FM, em que o indivíduo não vivenciou o evento, no entanto recorda-se de o ter experienciado (Pinto, 2002; Roediger, & McDermott, 2000).

Tendo em conta o objetivo do presente estudo, a secção seguinte é dedicada à temática das FM.

1.1.1. Falsas Memórias

Indivíduos possuem determinadas recordações de eventos passados, no entanto, essas não são precisas, pois podem ser recuperadas de forma errónea e distorcida. As recordações podem ser afetadas pelas crenças e expectativas que cada um tem. A memória tem a capacidade de fazer os indivíduos recordarem-se de eventos que nunca aconteceram, bem como de participarem em atividades que nunca integraram realmente. A este fenómeno dá-se o nome de “falsas memórias” (Brainerd, & Reyna, 2005; Roediger & McDermott, 1995; Roediger, & McDermott, 2000).

Os primeiros estudos acerca das FM em crianças foram os de Binet (1890, *cit in* Alves & Lopes, 2007) e Stern (1910, *cit in* Alves & Lopes, 2007) que averiguaram que a memória das crianças era bastante precisa quando as mesmas eram questionadas com perguntas neutras de eventos recentemente observados, mas bastante incorretas quando eram questionadas com perguntas sugestivas. No que reporta aos estudos de FM em adultos, estes tiveram início com Bartlett (1932), que deu ênfase às expectativas individuais como fator que iria influenciar a compreensão e recordação que os indivíduos iriam ter dos acontecimentos.

Na década de 90 surgiram as primeiras técnicas sugestivas da memória, sendo a hipnose a mais utilizada pelos terapeutas que acreditavam estar a estimular recordações significativas perdidas pelos sujeitos por estarem reprimidas. Contrariamente, o que as práticas terapêuticas

da época estavam a fazer era criar memórias falsas nos sujeitos de eventos que nunca aconteceram, sendo os casos mais conhecidos de sujeitos que, devido ao uso incorreto da hipnose recordavam situações de abuso nunca experienciadas (Callegaro, 2005; Loftus, 1997).

As FM são também habitualmente formadas pela combinação de memórias reais com sugestões recebidas de outras pessoas, em que os sujeitos acabam por esquecer a verdadeira informação, ou seja, dá-se uma confusão entre as fontes e acabam por cometer erros ao evocarem o que realmente presenciaram (Loftus, 1997).

Relativamente à implementação de FM em laboratório verificou-se que o mesmo pode ser feito de forma espontânea e/ou através da sugestão. Na produção de FM espontâneas, são necessários três passos, em que, numa primeira fase os sujeitos são expostos a uma atividade de memorizar determinado material, de seguida é realizada uma atividade de distração com a finalidade de afastar o indivíduo do material alvo, e por fim, os sujeitos têm que responder a um teste de memória (Stein & Neufeld, 2001).

Relativamente à implementação de FM através da sugestão em estudos experimentais muitas das vezes recorre-se ao Paradigma Clássico de Interferência (Loftus, 1979), em que primeiramente expõe-se o sujeito a um determinado evento alvo, de seguida é realizada uma atividade de distração e posteriormente apresentada uma sugestão de informação falsa, por fim é testada a memória que o indivíduo tem do evento alvo.

Foram inúmeros os estudos clássicos realizados no âmbito das FM, destacando-se o de Loftus e Palmer (1974), que ficou conhecido como o Paradigma da Falsa Informação ou Sugestão. Este consistia na apresentação de um vídeo a um grupo de sujeitos de um acidente de carro, em que era dada a instrução de que o acidente tinha ocorrido devido a um avanço impróprio do condutor perante um sinal de trânsito de “cedência de passagem”. A metade do grupo era dada a sugestão de que em vez do sinal de “cedência de passagem” estava um sinal de “stop”, enquanto que à outra metade do grupo não era dada nenhuma instrução. Por fim, era

testada a memória original que os sujeitos tinham do acidente, sendo que se verificou que, a maioria dos indivíduos que sofreram a falsa indução respondiam em concordância com a mesma, afirmando ter visto o sinal de “stop”, apesar de lhes ter sido pedido para apenas responderem de acordo com o que viram na cena original. Este estudo pretendia introduzir informação congruente com o evento vivenciado pelos sujeitos, no entanto, essa informação era falsa. Através deste estudo, verificou-se que os sujeitos conseguiam reconhecer mais os eventos falsos do que os eventos efetivamente verdadeiros, tendo o reconhecimento da falsa informação apresentado um aumento considerável em comparação ao reconhecimento verídico da experiência (Sene, Lopes & Rossini, 2014).

A sugestão é uma técnica que influencia a memória dos indivíduos diariamente, no entanto, a implementação de memórias pode ocorrer de forma natural, sem ser necessário o recurso a técnicas sugestivas. Muitas vezes, a nossa memória adquire novas informações que não são verdadeiras, associando-as às memórias verdadeiras. As pessoas não o fazem intencionalmente pois estas acreditam que a informação adquirida é real (Callegaro, 2005; Loftus & Pickrell, 1995).

No âmbito do estudo das FM, o mesmo tem sido explicado com base em três modelos teóricos, sendo eles, a Teoria Construtivista, a Teoria do Monitoramento da Fonte e a Teoria do Traço Difuso (Alves & Lopes, 2007; Stein & Neufeld, 2001).

Os autores do Construtivismo defendiam que os indivíduos possuíam informações erradas devido ao significado que davam a determinado evento, e não ao evento ocorrido em si. Esta teoria parte do pressuposto que a memória tem um papel construtivo, ou seja, a informação armazenada no sujeito não seria inteiramente reconstruída, mas sim afetada pelas crenças, expectativas e pelas novas informações adquiridas pelo mesmo. Segundo este modelo, os erros de memória acontecem pelo simples facto de a memória do ser humano ser construída ao longo da vida e os seus pensamentos e experiências não serem estáticos e sofrerem

alterações. Estas alterações vão mudar a ideia que o sujeito tem dos eventos experienciados e consequentemente distorcer ou até mesmo mudar a memória (Alves & Lopes, 2007; Callegaro, 2005; Loftus, 1997).

A Teoria do Monitoramento da Fonte, desenvolvida por Johnson, Hashtroudi e Lindsay (1993), veio afirmar que as FM não surgiam apenas pela construção de factos pelos indivíduos, mas sim por algo mais concreto. De acordo com este modelo, o ser humano possui mecanismos de controlo ou monitoramento que permitem a discriminação correta de um evento, impossibilitando a criação de FM. Para se aceder a uma experiência passada é necessário, primeiramente, determinar de onde provém tal informação (monitoramento da fonte), no entanto, os erros de memória acontecem muitas das vezes quando são atribuídas informações erradas da fonte de informação, por exemplo, do local ou da pessoa de onde provêm. Uma das grandes dificuldades do homem passa por distinguir se a informação é oriunda de experiências passadas ou do evento em si vivenciado, como tal, é necessário o recurso a vários processos cognitivos a fim de aferir se a informação é proveniente de experiências concretas ou da sua imaginação (Alves & Lopes, 2007; Mitchell & Johnson, 2000; Oliveira & Albuquerque, 2015; Stein & Neufeld, 2001).

Por fim, a Teoria do Traço Difuso elaborada por Reyna e Brainerd (1995), visa explicar a memória através de dois sistemas independentes, em que o armazenamento e a recuperação da informação ocorrem separadamente. A recordação que os indivíduos possuem de determinados eventos depende do tipo de armazenamento pelo qual a informação passou através da memória literal ou da memória de essência. A memória literal encontra-se associada à capacidade que os indivíduos têm de recordar ao pormenor, e com o máximo detalhe, experiências pela qual passaram, ao passo que, na memória de essência os detalhes são perdidos, uma vez que os indivíduos apenas conseguem recordar o evento de uma forma geral. Os traços de essência são muito mais resistentes do que os traços literais, pois o facto de

recordar ao pormenor torna a informação mais vulnerável ao esquecimento. Neste sentido, os erros de memória ocorrem quando se pretende recuperar um tipo de memória e se acaba a recuperar o outro, ou quando efetivamente as memórias literais e de essência são recuperadas de forma errónea (Alves & Lopes, 2007; Brust & Stein, 2012; Stein & Neufeld, 2001).

De entre os inúmeros fatores que podem afetar a memória, e consequentemente proporcionar a criação de FM, o sexo e a criatividade serão as variáveis referenciadas no presente estudo, sendo as seguintes secções destinadas à influência das mesmas na formação das FM.

1.1.2. Criatividade no estudo das Falsas Memórias

A criatividade apresenta-se como uma variável que pode ser determinante na criação de FM, contudo é uma temática recente e cujas conclusões ainda são parcas, daí a sua relevância. De acordo com a literatura, a criatividade assume-se como um fator que pode potenciar a criação de FM autobiográficas (Dewhurst, Thorley, Hammond & Ormerod, 2011). O estudo de Hyman e Billings Jr. (1998) revelou uma correlação positiva entre a criatividade e a formação de FM referentes à infância.

A criatividade assume-se como um construto complexo e multidimensional, na medida em que pode ser avaliado através de diversos domínios. Trata-se de um tema cuja definição não é linear, pois diversos autores elaboraram diferentes definições para esclarecer a mesma (Simonton, 2016). Dada a pluralidade do conceito, foram desenvolvidas variadas teorias explicativas, focando diversas dimensões tais como a personalidade, a cognição, a motivação e o contexto, sendo que estas influenciam todo o processo até à obtenção do produto criativo (Almeida & Nogueira, 2016; Campos & Largura, 2000; Simonton, 2016).

No que respeita à temática, verifica-se uma grande evolução histórica na definição do construto, sendo que as ideias pioneiras correlacionam a criatividade com a vertente do

espiritismo, sendo a inspiração divina que vai potenciar a criatividade humana (Gomes, Rodrigues & Veloso, 2016).

Anos mais tarde, alguns investigadores começaram a aperceber-se de que o ser humano era capaz de dar resposta aos obstáculos de forma alternativa e variada, com recurso aos mecanismos mentais, denotando-se um afastamento das crenças espirituais, e um maior enfoque na vertente da herança genética como potencial criadora de mentes brilhantes e criativas (Dacey, 1999).

Com o desencadear da investigação científica, denotou-se que o meio social não era um fator assim tão isolado na produção criativa, originando a ideia de que o ambiente detinha uma grande influência na predição de comportamentos criativos, o que veio contradizer a perspetiva genética que renunciava a ideia de que o ambiente influi no processo criativo (Dacey, 1999).

De acordo com a perspetiva humanista, foram inúmeros os autores que defenderam que a criatividade era entendida mediante a autorrealização dos sujeitos. Esta perspetiva apelava, de igual modo, à influência do meio ambiente, sendo que este deveria permitir, de forma espontânea, a produção criativa dos seres humanos (Alencar & Fleith, 2003).

A criatividade encontrava-se exclusivamente relacionada com os grandes artistas e inventores. Autores como Galton (1869), Lombroso (1891/1976), Terman (1954) e Gardner (1988) elaboraram diversos estudos que faziam referência às características intelectuais e de personalidade que determinavam os sujeitos mais notáveis (Almeida & Nogueira, 2016). Em 1950 Guilford veio criar uma ideia de criatividade mais ampla e divergente quebrando a ideia de criatividade como algo limitado e destinado apenas aos “super-homens”, afirmando que esta pode existir em qualquer indivíduo, considerando igualmente as características de personalidade (Almeida & Nogueira, 2016; Santos, 2010).

A criatividade deve ser avaliada com base em quatro fatores, sendo estes: o processo criativo (processos mnésicos que permitem a resolução dos problemas a fim de chegar às

soluções), o produto criativo (resultado final de cariz inovador e relevante para o desenvolvimento da sociedade humana, possibilitando o crescimento do sujeito), o indivíduo criativo (todos os seres humanos, sendo as características individuais/personalísticas essenciais e determinantes), e o ambiente onde os indivíduos se inserem e onde o produto e o processo ocorrem, permitindo a produção criativa e a autorrealização pessoal (Almeida & Nogueira, 2016; Campos & Largura, 2000; Garcês, Pocinho, Jesus & Viseu, 2016; Sakamoto, 2000; Tezci, Karaca & Sezginsoy, 2008). Desta forma, o produto criativo resulta da constante interação entre as características individuais e o meio sociocultural em que os indivíduos se inserem, pois, o meio ambiente e a cultura influenciam no resultado do potencial criativo (Zanella & Titon, 2005).

Na atualidade, a criatividade encontra-se mais comumente associada à produção de ideias influentes e originais que permitem a mudança e a evolução, bem como a solução de problemas e resposta às reivindicações da sociedade, a adaptação e a proatividade dos sujeitos nos vários domínios do seu quotidiano (Oliveira & Alencar, 2010; Runco, 2004). Não existe uma definição consensual de criatividade, sendo talvez esta a maior dificuldade em mensurar o que é ou não a criatividade e o que torna ou não um sujeito criativo (Gomes et al., 2016; Runco, 2004).

1.1.3. Sexo no estudo das Falsas Memórias

O sexo é outra variável relevante no âmbito deste estudo, uma vez que nos estudos experimentais realizados em contexto forense se tem pretendido avaliar o efeito da mesma na recordação de eventos passados.

Estudos indicam que, de uma forma geral, homens e mulheres são iguais na sua maioria, mas não em todas as vertentes psicológicas. No que concerne às diferenças de sexo, homens e mulheres adquirem diferentes capacidades no que diz respeito à memória (Jelin, 2002).

Verifica-se, através da literatura, uma vantagem feminina na realização de testes de memória verbal (evocação de palavras e fluência verbal), bem como na memória autobiográfica, na memória perante eventos emocionais e na recordação de eventos, em comparação com os homens, pelo simples facto de estas serem mais eficazes a recuperar eventos da vida. No que diz respeito à memória espacial, verifica-se que os homens possuem um melhor desempenho comparativamente às mulheres (Andreano & Cahill, 2009; Bloise & Johnson, 2007; Herlitz & Rehman, 2008; Loftus, Banaji, Schooler & Foster, 1987).

De igual forma, as mulheres possuem uma recordação mais detalhada e concreta, sendo que as narrativas das mesmas são também mais longas e pormenorizadas, enquanto que os homens têm tendência a fazer um discurso mais sintetizado (Jelin, 2002). No âmbito do testemunho, verifica-se que as mulheres são testemunhas oculares mais precisas e assertivas que os homens, apresentando um relato mais pormenorizado e descritivo do evento e do ofensor, o que sugere que as mulheres, de uma forma geral, possuem um melhor desempenho da memória em contexto de crime (Areh, 2011; Lindholm & Christianson, 1998).

De acordo com Areh (2011), muitos dos erros judiciais ocorrem devido à forma com que o testemunho é apresentado, mais concretamente, com a confiança com que as testemunhas depõem. Neste aspeto, os homens revelam uma maior confiança comparativamente às mulheres, no entanto a investigação indica que, apesar de se apresentarem menos confiantes, as mulheres são mais confiáveis e precisas nos relatos.

1.2. Objetivos do estudo

Tomando por base a literatura revista, o presente estudo pretende prestar o seu contributo científico na temática das FM, sendo este um tema de enfoque no âmbito da memória em contexto forense. Neste sentido, o presente estudo tem como objetivo avaliar se as pessoas

mais criativas têm mais tendência a formar FM e se existem diferenças de sexo na produção das mesmas.

Assim, e de acordo com a literatura, é esperado que:

Hipótese 1: Os participantes que apresentem maior nível de criatividade formem mais FM;

Hipótese 2: Os participantes do sexo masculino formem mais FM comparativamente aos participantes do sexo feminino.

Pretende-se ainda analisar a variável de controlo stresse, uma vez que, de acordo com a literatura esta se assume como um fator influenciador que, por um lado pode comprometer o desempenho da memória, podendo gerar impedimentos na recordação fidedigna dos eventos e possíveis formações de FM (Deffenbacher, Bornstein, Penrod & McGorty, 2004), e por outro, pode otimizar o desempenho da memória (Bohleber, 2007), gerando assim um efeito que tanto pode ser negativo, como positivo.

Desta forma, o presente estudo visa contribuir para a literatura científica que vise auxiliar no âmbito do testemunho, aquando das tomadas de decisão com base no mesmo.

PARTE II – METODOLOGIA

2.1. Metodologia

Este estudo teve a aprovação do Comité de Ética da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

2.2. Participantes

A amostra inicial foi constituída por 120 estudantes universitários (60 masculinos e 60 femininos); dois participantes não integraram a tarefa experimental ($n = 2$) por apresentarem problemas visuais não corrigidos, podendo assim comprometer o desempenho e posterior resultado experimental. Os critérios de inclusão foram: ter idade maior ou igual a 18 anos e não ter problemas visuais ou problemas visuais corrigidos.

A amostra final foi constituída por 118 participantes (59 masculinos; 59 femininos) e apresentavam idades compreendidas entre os 18 e os 49 anos ($M = 21.49$; $DP = 4.14$).

A maioria dos participantes era de nacionalidade Portuguesa ($n = 107$) e os restantes distribuídos pelas seguintes nacionalidades: Brasileira ($n = 5$), Angolana ($n = 3$), Cabo Verdiana ($n = 1$), Moçambicana ($n = 1$) e Francesa ($n = 1$).

2.3. Materiais

2.3.1. Instrumentos

Os questionários utilizados na investigação foram: 1) Questionário sociodemográfico; 2) Questionário sobre o vídeo visualizado. As escalas utilizadas foram: 1) VAS (*Visual Analogue Scale*); 2) TCT-DP (*Test of Creative Thinking-Drawing Production*). Tanto os questionários como as escalas foram fornecidos aos participantes em formato papel e são descritos seguidamente:

Questionário sociodemográfico

Conjunto de questões de carácter sociodemográfico com vista à caracterização da amostra, designadamente idade, sexo e nacionalidade.

Questionário sobre os vídeos

Com base no estudo de Alho e colaboradores (2015) foi utilizado o questionário sobre os vídeos, composto por seis questões diretas relacionadas com o vídeo apresentado (crime ou neutro), sendo que, das seis questões, cinco não continham informações enganosas e uma questão-chave continha informação deliberadamente enganosa.

Visual Analogue Scale (VAS)

Por forma a avaliar o nível de stresse percebido pelos participantes em diferentes momentos do procedimento foi utilizada a VAS (Kertzman et al., 2004). A presente escala de autoavaliação consiste numa linha marcada de 0 a 100, em que a extremidade 0 corresponde a “*nada stressado*” e a extremidade 100 a “*muito stressado*”; os participantes são instruídos a sinalizarem com um traço o quão stressados se sentem no momento em que estão a preencher a escala (Ver Anexo I). Esta tarefa foi realizada em três fases distintas do estudo: a primeira fase concretizou-se antes de se proceder à visualização do vídeo, com o objetivo de verificar o quão stressados se sentiam os participantes aquando da chegada ao laboratório, a segunda ocorreu logo após a visualização do vídeo, por forma a verificar se os níveis de stresse tinham aumentado ou diminuído em comparação ao registado no momento inicial, e a última após a realização de todas as tarefas integrantes no estudo, a fim de evitar que o participante saia do laboratório com elevados níveis de desgaste emocional/stresse. A medição dos níveis de stresse assinalados pelos participantes foi concretizada com uma régua.

Test of Creative Thinking - Drawing Production (TCT-DP)

O TCT-DP é uma escala apresentada por Urban e Jellen (1996) que se encontra produzida no âmbito da investigação acerca da criatividade, com a finalidade de avaliar o potencial criativo global dos sujeitos (Almeida, Nogueira, Jesus & Mimoso, 2013). A presente escala permite uma análise quantitativa e qualitativa da criatividade através do desempenho dos participantes, contrariamente à maioria dos testes tradicionais que apenas se focavam na vertente quantitativa (Urban, 2005).

O TCT-DP é aplicado através de duas formas (Forma A e B), no entanto para o presente estudo recorreu-se apenas à utilização da Forma A (Ver anexo II), na medida em que esta é a mais utilizada em estudos portugueses. Ambas têm a mesma forma de aplicação, sendo que o que distingue a forma A da forma B é apenas uma rotação de 180° dos elementos, denotando-se que o desempenho entre uma forma e a outra é idêntico, não se verificando diferenças significativas de resultados entre as presentes formas (Almeida et al., 2013; Nogueira, Almeida & Lima, 2017).

A instrumentalização da Forma A consiste na produção de desenhos através de seis fragmentos intencionalmente incompletos: um ponto, uma linha curva, uma linha quebrada, um semicírculo, um ângulo reto e um quadrado aberto. Esta configuração tem como objetivo que o participante, ao completar os fragmentos incompletos tenha uma maior alternativa nas suas respostas e consequentemente atue de forma mais flexível, destacando o seu potencial criativo (Almeida & Nogueira, 2010; Almeida et al., 2013; Urban, 2005). De salientar que os fragmentos permitem uma resposta livre por parte dos participantes, no entanto, em conjunto, transmitem uma grande propensão para respostas estereotipadas; desta forma, pretende-se que os indivíduos com alto potencial criativo respondam de forma mais alternativa, fugindo ao espetável e corrompendo com os modelos convencionais (Almeida & Nogueira, 2010; Almeida et al., 2013).

O produto criativo dos participantes deve representar uma abordagem orientada para o princípio da *Gestalt* no que respeita ao diagnóstico da criatividade. Neste princípio, o todo é maior que a soma das partes, o que vem reforçar a ideia da globalidade, na medida em que o desenho deve ser avaliado como um todo e não individualmente. Desta forma, os critérios que representam o construto da escala a serem avaliados no desenho, não podem ser examinados como elementos únicos. Os critérios (treze) avaliados são os seguintes:

1. Continuações (Cn): Quando é efetuado qualquer uso, continuação ou até mesmo extensão dos seis fragmentos;
2. Completações (Cm): Quando qualquer fragmento é continuado de forma mais elaborada, por forma a acrescentar algo ao desenho;
3. Novos Elementos (Ne): Quando são acrescentados elementos independentes dos fragmentos presentes;
4. Conexões efetuadas com uma linha (Cl): Ligações entre dois fragmentos e/ou novas figuras/elementos;
5. Conexões efetuadas que contribuem para um tema (Cth): Qualquer elemento/figura desenhada que contribua para um tema geral;
6. Quebra do limite dependente do fragmento (Bfd): Qualquer uso, extensão ou continuação do quadrado aberto que se encontra fora do quadrado grande que envolve os cinco elementos;
7. Quebra do limite independente do fragmento (Bfi): Qualquer quebra ou continuação das figuras e/ou elementos que ultrapassem os limites do quadrado grande que envolve os cinco elementos;
8. Perspetiva (Pe): Qualquer tentativa de transcender a bidimensionalidade;
9. Humor (Hu): Qualquer desenho que provoque uma resposta de humor, afeto, emoção ou poder expressivo;

10. Não convencional a (Uca): Qualquer manipulação do material do teste, como por exemplo, inverter a posição da folha;
11. Não convencional b (Ucb): Qualquer utilização de desenhos e/ou elementos surreais, abstratos e/ou fictícios;
12. Não convencional c (Ucc): Qualquer utilização de símbolos e/ou sinais;
13. Não convencional d (Ucd): Qualquer utilização dos fragmentos de forma não estereotipada (Almeida & Nogueira, 2010).

Aos critérios (Cn), (Cm), (Ne), (Cl), (Cth), (Bfd), (Bfi), (Pe) e (Hu) são atribuídas classificações que podem variar entre 0 a 6 pontos, aos critérios (Uca), (Ucb), (Ucc) e (Ucd) são atribuídas classificações entre 0 a 3 pontos (Urban & Jellen, 1996). A soma das pontuações fornece a classificação final do participante, ou seja, o seu nível de potencial criativo, que pode variar entre 0 a 72 pontos; quanto maior a pontuação maior o potencial criativo (Almeida et al., 2013).

2.3.2. Vídeos

No presente estudo foram utilizados dois vídeos reais: um vídeo que reportava uma cena de crime e outro uma cena neutra. Ambos os vídeos foram os utilizados no estudo de Alho e colaboradores (2015). Cada um dos vídeos tinha uma duração de cerca de um minuto, e foi exibido aos participantes com a mesma resolução e volume, tendo o som sido reproduzido através de *phones* por forma a reforçar a concentração na tarefa.

Vídeo de crime: reportava um episódio de um assalto a uma farmácia com tomada de refém. O assalto é concretizado por dois assaltantes, sendo que um deles foge e o outro ameaça a vítima enquanto lhe aponta uma faca, acabando por mais tarde, após várias tentativas de negociação sem sucesso, ser morto a tiro pelos polícias.

Vídeo neutro: representava um casal a passear de mãos dadas na praia à beira-mar, transmitindo um ambiente calmo e tranquilo, destacando-se o som das ondas a rebentar na costa.

2.4. Procedimento experimental

Antes de proceder à realização da tarefa experimental foi efetuado um estudo piloto com o intuito de averiguar a existência de possíveis problemas metodológicos, por forma a resolver os mesmos antes da implementação efetiva da recolha de dados; este estudo-piloto permitiu ainda delinear o tempo médio previsto para a realização da tarefa e organizar a sequência da aplicação dos materiais/instrumentos. O estudo-piloto contou com a presença de uma aluna (estudo piloto = 1) da faculdade que se deslocou aos Laboratório de Psicologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa. A maioria da amostra foi recolhida nos Laboratórios da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no entanto, os participantes também integraram a tarefa na Residência Universitária Feminina da Universidade Católica e no Colégio Universitário Pio XII, onde foram cedidas salas que asseguravam as condições necessárias à execução da tarefa experimental.

O procedimento experimental decorreu da seguinte forma:

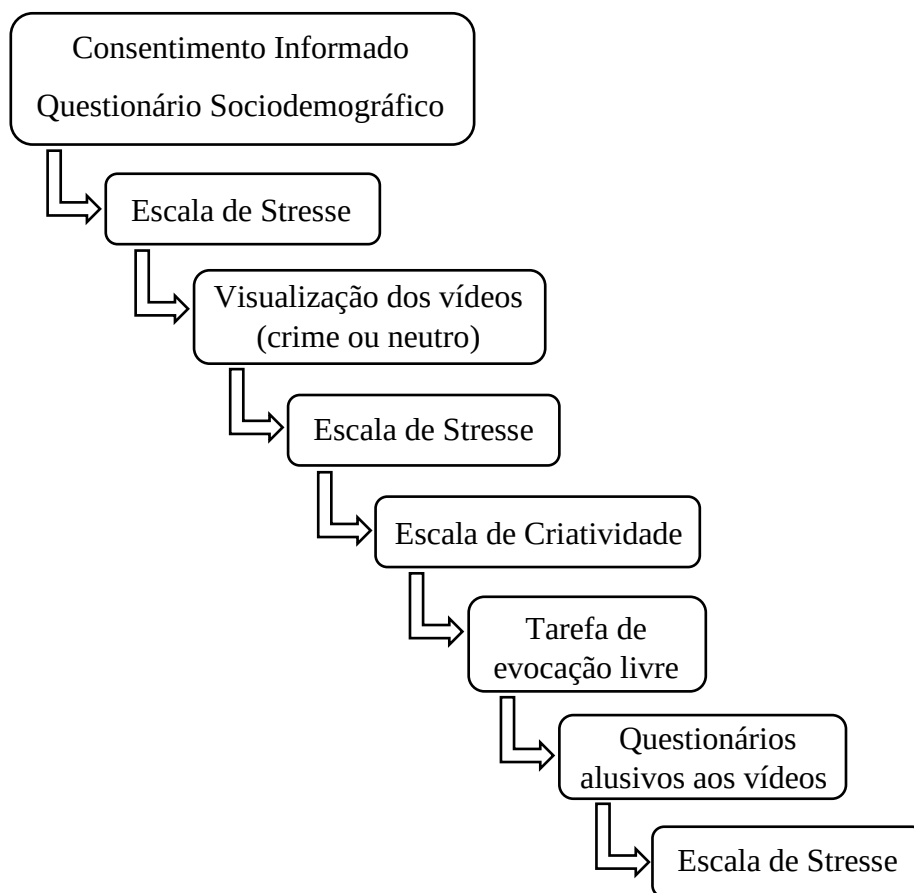


Figura 2 – Fases do procedimento experimental

Numa fase inicial foram assegurados que todos os procedimentos e regras na prática laboratorial estavam a ser devidamente cumpridos.

A tarefa experimental teve início quando os participantes se encontravam instalados, sendo informados sobre a finalidade geral do estudo (investigação sobre a memória), tendo sido facultado o consentimento informado (Ver Anexo III). De seguida foi solicitado aos participantes que preenchessem o questionário sociodemográfico com alguns dos seus dados de caracterização sociodemográfica (Ver Anexo IV). Após os procedimentos iniciais, os participantes preencheram a escala de stresse e de seguida visualizaram os vídeos de crime ou neutro. De salientar que cada participante visualizou apenas um vídeo, tendo estes sido distribuídos aleatoriamente: design inter-sujeitos. Após a visualização do vídeo, era solicitado

aos participantes que preenchessem novamente a escala de stresse, por forma a verificar se os níveis de stresse tinham alterado.

Seguidamente, os participantes foram instruídos a completar a escala de criatividade; para a sua realização foi necessária uma cópia da folha de teste do TCT-DP e um lápis, sem recurso a borracha para evitar a alteração da produção do desenho e sem régua. Na realização do TCT-DP foi ainda fornecida a seguinte instrução : “Na sua frente está um desenho que um artista deixou incompleto e cabe-lhe a si a tarefa de o completar; tem a permissão para desenhar aquilo que quiser, da forma que quiser e tem o tempo que quiser para o fazer; quando terminar o seu desenho, se quiser, pode dar-lhe um título ou um tema”. Sempre que o participante deu início à prova foi registada a hora por forma a que sejam contados, no máximo, 15 minutos (tempo máximo de duração da prova); após este tempo, os participantes são instruídos a concluir e entregar o desenho. A aplicação da escala em laboratório seguiu todas as normas descritas pelos autores originais (Urban & Jellen, 1996). Posteriormente foi solicitado aos participantes que realizassem uma Tarefa de Evocação Livre (TEL), descrevendo por escrito tudo o que se recordavam dos vídeos visualizados anteriormente; esta tarefa permitiu recolher o máximo de informação, não havendo recurso à sugestão, o que potencia a ocorrência de menos erros por parte dos participantes (Paulo, Albuquerque & Bull, 2014).

Seguidamente à TEL, solicitou-se aos participantes o preenchimento de um questionário sobre cada vídeo composto por seis questões (Alho et al., 2015), a fim de averiguar a possível existência de FM (Ver Apêndice I). De acordo com a literatura, e contrariamente à TEL, o questionamento pode influenciar a memória do participante (Paulo et al., 2014). No questionário, uma das questões colocadas continha informação enganosa propositadamente, por forma avaliar o efeito da desinformação nas respostas dos participantes. A literatura indica que os sujeitos quando são submetidos ao questionamento sobre informações falsas tendem a responder de acordo com essas mesmas informações incitadas. De acordo com o efeito da

desinformação, a falsa indução pode diminuir a precisão da memória dos participantes e consequentemente aumentar a produção de erros de memória (Reis, 2014).

Para finalizar, foi pedido novamente o preenchimento da escala de stresse e fornecidas todas as informações acerca estudo. Uma vez que a tarefa da visualização dos vídeos pode induzir emoções nos participantes, garantiu-se que estes se sentiam bem antes de sair do laboratório.

2.5. Análise estatística

Para a análise estatística dos dados recorreu-se ao programa *IBM SPSS Statistics 25*. Realizaram-se testes *t-student* para amostras independentes, teste do *Qui-Quadrado* e correlação de *Pearson*.

PARTE III – RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Resultados

3.1.1. Criatividade

No que concerne à variável criatividade, quando os participantes foram questionados se se consideravam criativos, 83 (70.3%) responderam “Sim” e 35 (29.7%) responderam “Não”. A avaliação foi feita numa escala de 0 a 10%, que foi posteriormente convertida e trabalhada numa escala de 0 a 100, em que os participantes tiveram de assinalar o nível de criatividade percebida. Em média 54.5% dos participantes consideram-se criativos ($M = 54.5$; $DP = 22.6$).

3.1.1.1. Criatividade e Erros de Memória

O resultado da escala de criatividade utilizada no presente estudo determina que o sujeito pode apresentar duas formas de pensar distintas, sendo elas o pensamento não convencional (relacionado com a inovação) e o pensamento convencional (relacionado com a adaptabilidade), que são responsáveis pelo desempenho criativo. Uma vez que com este estudo pretendemos determinar se os indivíduos são mais ou menos criativos (alcançar um valor de criatividade) e não o tipo de criatividade que apresentam, procedeu-se à divisão dos participantes em dois grupos (grupo mais criativo e grupo menos criativo), de acordo com os resultados obtidos na escala TCT-DP.

Embora outros métodos estatísticos pudessem ser usados, classificaram-se os participantes em “criativo” e “não criativo”, tendo em conta o percentil 50 e o percentil 70 dos dados da amostra.

A partir do percentil 50, classificaram-se como “não criativos” todos os participantes com pontuação na escala TCT-DP menor que 21 e como “criativos” os participantes com pontuações iguais ou superiores a 21 na escala TCT-DP.

Numa fase final, por forma a recorrer a um método mais restritivo na classificação dos participantes quanto à sua criatividade, calculou-se o percentil 70, definindo como “não

criativos" todos os participantes com pontuação na escala TCT-DP menor que 29 e como "criativos" os participantes com pontuações iguais ou superiores a 29 na escala TCT-DP.

A tabela seguinte demonstra a frequência de erros em cada grupo (não criativo vs. criativo), a partir do percentil 50:

Tabela 1: Grupo de criatividade (criativo vs. não criativo; percentil 50) e erros de memória

	Erros					Total de erros
	0	1	2	3	4	
Criativo	43	13	12	0	4	29
Não criativo	35	15	4	9	0	28
Total	78	28	16	9	4	57

Constata-se na tabela acima que a maioria dos participantes não cometeu erros em ambos os grupos (criativo vs. não criativo), ademais, verifica-se que do número de erros (1 a 4), a maioria dos participantes cometeu 1 erro (28 erros), sendo que apenas 1 sujeito cometeu 4 erros.

Em seguida foi realizado um teste *T-Student* para amostras independentes de forma a averiguar se existiram possíveis diferenças estatisticamente significativas na média de erros nos dois grupos em estudo (criativo vs. não criativo). Os resultados indicam que não existem diferenças estatisticamente significativas ($t(116) = .33$; $p = .74$) ao nível das FM entre o grupo "não criativo" ($M = 0.51$; $DP = 0.81$) e o grupo "criativo" ($M = 0.46$; $DP = 0.80$), sendo as médias muito semelhantes e demonstrando que, em média, a maioria cometeu 0 e 1 erros.

A tabela seguinte demonstra a frequência de erros em cada grupo (não criativo vs. criativo), a partir do percentil 70:

Tabela 2: Grupo de criatividade (criativo vs. não criativo; percentil 70) e erros de memória

	Erros					Total de erros
	0	1	2	3	4	
Criativo	29	7	8	0	0	15
Não criativo	49	21	8	9	4	42
Total	78	28	16	9	4	57

Analisando a tabela acima referida para o percentil 70, verifica-se que a maioria dos participantes não cometeu erros (0 erros) em ambos os grupos (criativo vs. não criativo), verificando-se igualmente, que do número de erros (1 a 4), a maioria dos participantes cometeu 1 erro (28 erros), sendo que apenas 1 sujeito cometeu 4 erros.

Por fim, foi necessário realizar um teste *t-student* para amostras independentes com o intuito de averiguar a existência de possíveis diferenças estatisticamente significativas na média de erros nos dois grupos em estudo (criativo vs. não criativo). Os resultados indicam que não existem diferenças estatisticamente significativas ($t(116) = 1.05$; $p = .297$) ao nível das FM entre o grupo “não criativo” ($M = 0.54$; $DP = 0.86$) e o grupo “criativo” ($M = 0.38$; $DP = 0.67$).

3.1.1.2. Criatividade e Erros, tendo em conta o Grupo (controlo vs. experimental)

Com o objetivo de verificar se existiam possíveis diferenças estatisticamente significativas entre o número de erros, tendo em conta os grupos (grupo experimental – vídeo de crime vs. grupo de controlo – vídeo neutro), primeiramente procedeu-se à divisão de arquivo

dos dados, para os *outputs* dos resultados serem disponibilizados por grupo (experimental vs. controlo), e seguidamente realizou-se o teste *t-student* para amostras independentes.

Numa fase inicial analisou-se a classificação em criativos e não criativos, tendo em conta o percentil 50, tendo-se verificando que não existem diferenças estatisticamente significativas entre ser criativo e não criativo no que respeita ao número de erros, tanto no grupo experimental ($t(57) = 0.71; p = 0.48$) como no grupo de controlo ($t(57) = -0.25; p = 0.81$).

Por fim, analisou-se a classificação em criativos e não criativos, tendo em conta o percentil 70, denotando-se novamente que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupo (criativo e não criativo) no que respeita ao número de erros, no grupo experimental ($t(57) = 0.28; p = 0.78$) e no grupo de controlo ($t(57) = 1.20; p = 0.24$).

3.1.2. Erros e Stresse nos Grupos (controlo vs. experimental)

Com o objetivo de testar possíveis diferenças estatisticamente significativas ao nível dos erros nos diferentes grupos (experimental vs. controlo), foi realizado um teste *t-student* para amostras independentes.

Os resultados indicam a existência de diferenças estatisticamente significativas nos diferentes grupos ($t(116) = 3.48, p = .001$), o que indica que os participantes pertencentes ao grupo experimental apresentaram um maior número de FM ($M = 0.73; DP = 0.85$), em comparação com os participantes do grupo de controlo ($M = 0.24; DP = 0.68$).

Pertinentemente, ao analisar a variável de controlo stresse, verifica-se que no grupo experimental os participantes experienciaram maior stresse no momento logo após a visualização do vídeo (Stresse 2: $M = 47.76; DP = 27.73$), sendo o primeiro momento de avaliação, antes da apresentação do vídeo, o menos stressante (Stresse 1: $M = 32.64; DP = 25.84$). No entanto, no grupo de controlo, constata-se que o momento de maior stresse foi antes

da visualização do vídeo (Stresse 1: $M = 34.15$; $DP = 29.03$), e o último momento foi o de menor stresse (Stress 3: $M = 26.79$; $DP = 25.68$).

3.1.2.1. Relação dos Erros de Memória com o Sexo e o Stresse

Por forma a analisar em qual dos sexos é mais frequente erros de memória, procedeu-se a um teste *Qui-Quadrado* para cada grupo (experimental vs. controlo). Os resultados indicaram a não existência de diferenças estatisticamente significativas entre os participantes do sexo masculino e os participantes do sexo feminino, em ambos os grupos em estudo (grupo experimental: $X^2(3) = 1.56$; $p = 0.67$; grupo de controlo: $X^2(3) = 5.97$; $p = .11$). Estes resultados sugerem que o número de erros não dependeu significativamente do sexo do participante, onde tal evidência é tanto válida para o grupo experimental como para o grupo de controlo.

Com vista a verificar uma possível existência de efeitos da variável stresse nos resultados, foram realizadas correlações de *Pearson* entre os níveis de stresse avaliados nos três momentos experimentais (antes de se proceder à visualização do vídeo, logo após a visualização do vídeo, e após a realização de todas as tarefas) e, o número de erros. Os resultados indicam que não existem associações estatisticamente significativas entre qualquer um dos níveis de stresse (medidos nos três momentos) e o número de erros ($p > 0.05$), sugerindo assim que os níveis/momentos de stresse parecem não terem influenciado a performance cognitiva, tal como avaliada pelo número de erros de memória.

3.1.3. Detalhes centrais no Grupo experimental (vs. Grupo de controlo)

Ao analisar o número de detalhes centrais reportados pelos participantes na TEL, verifica-se através de um teste *t-student* para amostras independentes que existem diferenças marginalmente significativas entre os participantes que visualizaram o vídeo de crime ($M =$

2.76; $DP = 1.38$) e os participantes que visualizaram o vídeo neutro ($M = 2.19$; $DP = 1.84$) relativamente ao número de detalhes centrais evocados ($t(116) = 1.92$; $p = 0.06$).

3.1.4. Detalhes periféricos no Grupo experimental (vs. Grupo de controlo)

Ao analisar o número de detalhes periféricos reportados pelos participantes na TEL, verifica-se através de um teste *t-student* para amostras independentes que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os participantes que visualizaram o vídeo de crime ($M = 3.85$; $DP = 2.14$) e os participantes que visualizaram o vídeo neutro ($M = 4.17$; $DP = 1.52$) relativamente ao número de detalhes periférico evocados ($t(116) = -0.94$; $p = 0.35$).

3.1.5. Questionários sobre os vídeos

De acordo com o procedimento experimental, depois de visualizados os vídeos, os participantes foram instruídos a responder a seis questões referentes ao conteúdo do vídeo visualizado (importante lembrar que metade dos participantes visualizou um vídeo de crime e a outra metade viu um vídeo neutro). Cada um dos questionários (questionário do grupo experimental e do grupo de controlo) englobava uma questão com informação enganosa com o objetivo de induzir erros nos participantes, e as restantes cinco questões não detinham conteúdo enganoso, por forma a avaliar o desempenho e a ocorrência, ou não, de erros e de FM.

As questões em ambas as condições apresentavam três opções de resposta possíveis, sendo estas “sim”, “não” e “não sei”.

No grupo experimental, a questão enganosa era a 6* e no grupo de controlo a questão enganosa era a 4* (assinaladas nas tabelas seguintes):

Tabela 3: Grupo experimental - Valores de Acertos, Erros e “Não sei’s”

	Questão 1	Questão 2	Questão 3	Questão 4	Questão 5	Questão 6*
Sim	3	1	1	20	7	4
Não	55#	55#	51#	15#	25#	11#
Não sei	1	3	7	24	27	44
Total	59	59	59	59	59	59

Legenda: * Questão com informação enganosa

Resposta correta. Quem respondeu “sim” a uma dada questão cometeu um erro. Quem respondeu “não” cometeu um acerto.

Na tabela 3 inerente ao grupo experimental, verificou-se que a questão que detinha informação enganosa (Q6 - “Existia uma câmara por trás do ofensor?”), não foi a que apresentou maior número de erros por parte dos participantes ($n = 4$), tendo-se verificado um maior número de respostas “não sei” ($n = 44$) comparativamente às restantes questões, no entanto, foi a questão que também apresentou menos acertos.

No grupo experimental, a questão 4 foi a que apresentou maior número de erros ($n = 20$), sendo estes espontâneos, na medida em que os participantes erraram apesar de não conter informação enganosa (erros na resposta de forma natural/não controlada).

Tabela 4: Grupo de controlo - Valores de Acertos, Erros e “Não sei’s”

	Questão 1	Questão 2	Questão 3	Questão 4*	Questão 5	Questão 6
Sim	8	10#	59#	20	11	25#
Não	28#	37	0	13#	32#	19
Não sei	23	12	0	26	16	15
Total	59	59	59	59	59	59

Legenda: * Questão com informação enganosa

Resposta correta. Nas questões 1, 4 e 5, quem respondeu “não” cometeu um acerto e quem respondeu “sim” cometeu um erro. Nas questões 2, 3 e 6, quem respondeu “sim” cometeu um acerto e quem respondeu “não” cometeu um erro.

Na tabela 4 inerente ao grupo de controlo, verificou-se que a questão que detinha informação enganosa (Q4 - “A t-shirt do homem era verde seco?”), não foi a que apresentou maior número de erros por parte dos participantes ($n = 20$), tendo-se verificado um maior número de respostas “não sei” ($n = 26$) comparativamente às restantes questões. A presente questão foi uma das que apresentou menos acertos. A questão 2 foi de todas a que apresentou menos acertos ($n = 10$) e, seguidamente, a questão 4 ($n = 13$), denotando-se assim pouca diferença entre estas. No grupo de controlo, a questão 2 foi a que apresentou maior número de erros espontâneos ($n = 37$).

3.2. Discussão

Na presente investigação, a criatividade assume-se como uma variável de relevo, na medida em que, estudos reportam a criatividade como um fator que pode interferir na criação de FM (Dewhurst et al., 2011; Hyman & Billings Jr., 1998). Contudo, a literatura acerca da influência da mesma em contexto forense continua ainda a ser escassa.

Em contexto judicial, o desenrolar dos processos criminais está muitas vezes dependente das testemunhas oculares, na medida em que os seus depoimentos são essenciais para o reconhecimento de suspeitos de crimes. Desta forma, torna-se necessário ter em consideração o fenómeno da memória, bem como os fatores que podem interferir no desempenho da mesma e possivelmente fomentar a criação de FM (Reis, 2014; Saraiva et al., 2015). As FM são muito difíceis de detetar pelo que perceber fatores que as podem potenciar torna-se crucial na área judicial. Neste sentido, com a primeira hipótese deste estudo, pretendia-se investigar se a criatividade apresenta influência na criação de FM.

De acordo com a revisão de literatura, e uma vez que a criatividade se encontra comumente associada à produção de ideias originais/inovadoras com recurso à imaginação (Alencar & Fleith, 2003), era esperado que este fosse um fator potenciador da construção de eventos/detalhes que na realidade não aconteceram, isto é, a criatividade poderá em certa medida preencher as lacunas das FM formadas. No entanto, esta hipótese não se verificou, isto é, os resultados obtidos não corroboram a presente hipótese, demonstrando que não há diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos (criativos e não criativos). O mesmo padrão de resultados foi obtido quer quando a classificação dos participantes em “criativos” e não criativos” teve em conta o percentil 50, quer quando se optou por um critério mais robusto, pelo percentil 70. Desta forma, não se verificou nenhuma relação entre a criatividade e as FM, na medida em que a presença de mais criatividade não é uma característica preditora de criação de FM.

É possível que os resultados obtidos tenham surgido devido a outros fatores que não foram avaliados com a escala utilizada no presente estudo. De acordo com a literatura, a criatividade é um fator multidimensional que recorre a diversas capacidades humanas (e.g., capacidades cognitivas, personalísticas, entre outras), sendo o desempenho criativo dos sujeitos avaliado, igualmente, em diversas áreas/domínios (e.g., artes, ciências, entre outras) (Davis, 1999; Simonton, 2016). Desta forma, e uma vez que a literatura vigente afirma que existem diversos tipos de criatividade, com a escala TCT-DP, o potencial criativo dos participantes foi avaliado com base no seu desempenho através da realização de desenhos como produto criativo, podendo esta ter sido uma condição limitadora. É necessário ter em consideração as mais diversas formas de avaliação da criatividade enquanto construto multifacetado (Becker et al., 2001).

No que diz respeito à variável de controlo (stresse), esta foi analisada por forma a determinar se tem influência no desempenho da memória e consequentemente na produção de

FM. De facto, a variável stress é comumente tida em conta em estudos que avaliam a memória humana ou outras capacidades cognitivas (Deffenbacher, 1994). De acordo com a Lei de Yerkes-Dodson existe um nível de stress “adequado” à performance cognitiva: níveis muito baixos ou muito elevados de stress prejudicam a capacidade cognitiva do indivíduo, nomeadamente a memória (Saraiva, Souza, Nogueira, Coelho & Alarcão, *in press*; Sinico & Winter, 2012). Dada a relação do stress com o desempenho cognitivo esta variável foi assumida como variável de controlo.

A introdução da variável “stress” é ainda mais importante em estudos na área da psicologia forense. De facto, eventos de cariz emocional e stressantes podem influenciar a interpretação que os sujeitos têm de determinados eventos e consequentemente deteriorar a cognição e gerar possíveis FM (Morgan III et al., 2004). Os eventos de crime são considerados os mais preditores de stress nas testemunhas ou vítimas de crimes (Houston et al., 2013). Neste sentido, os resultados obtidos na presente investigação corroboram a ideia apresentada anteriormente, na medida em que se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos (experimental vs. controlo), sendo que os participantes que integraram o grupo experimental apresentaram um maior número de erros em comparação com os participantes do grupo de controlo, o que nos permite depreender que o tipo de evento pode induzir a construção de FM. De salientar ainda que os níveis de stress pós-vídeo no grupo experimental foram mais elevados do que no grupo de controlo.

Tais conclusões podem justificar-se pelo facto de os participantes que estiveram expostos à cena de crime apresentaram níveis mais elevados de stress após a visualização do vídeo. De acordo com a literatura, o stress pode influenciar nos processos da memória e alterar a representação/cognição dos eventos e o desempenho na tarefa, gerando assim mais FM (Houston et al., 2013; Scott, 2010). Uma vez que os participantes que foram expostos a cenas neutras apresentaram uma diminuição do stress ao longo da tarefa, tal pode ter permitido um

melhor desempenho e respetivamente menos erros de memória comparativamente ao grupo experimental.

Ademais, através da TEL, procurou-se analisar o número de detalhes centrais e periféricos reportados pelos participantes em ambos os grupos (controlo vs. experimental). Importa referir que, na vertente do testemunho, mais especificamente em contextos de crime, recorre-se muitas vezes à divisão do relato em dois tipos, sendo eles a memória que os sujeitos têm para detalhes centrais, que se encontra associada aos detalhes recordados inerentes ao ofensor/vítima (características físicas), e memória para detalhes periféricos, referente ao meio ambiente (circundante ao evento central) (Saraiva et al., 2015).

Segundo Simson (2003), a memória assume-se como um mecanismo ativo que funciona de forma seletiva, distanciando a informação que é encarada como “desnecessária” para determinada finalidade. Desta forma, perante eventos que apresentem elevados níveis de stress (e.g., cena de crime), a memória dos indivíduos tende a apresentar um desempenho mais satisfatório na recordação de detalhes centrais, limitando a possibilidade de evocação de detalhes periféricos (Christianson & Loftus, 1991; Peth, Vossel & Gamer, 2012; Pinto, 1998; Saraiva et al., 2015).

Os resultados obtidos no presente estudo comprovam o descrito anteriormente, pois os participantes que integraram o grupo experimental reportaram mais detalhes centrais comparativamente ao grupo de controlo. Uma vez que, no vídeo de crime, o agressor recorria a uma arma branca, tal resultado pode ser explicado através do efeito de “foco na arma”, em que a testemunha de um crime irá focar a sua atenção na arma e respetivo agressor, não prestando tanta atenção ao restantes detalhes circundantes (detalhes periféricos) (Loftus et al., 1987; Scott, 2010; Steblay, 1992).

A presente dissertação teve também como objetivo avaliar se existiam diferenças entre sexos no desempenho mnésico, sendo espectável que os participantes do sexo masculino

apresentassem mais distorções mnésicas e consequentemente mais FM comparativamente ao sexo feminino.

Os resultados obtidos não corroboram esta hipótese, denotando-se que o número de FM apresentadas não dependeu significativamente do sexo dos participantes, ou seja, tanto homens como mulheres cometem erros de memória, sem se verificarem discrepâncias no desempenho entre ambos os sexos. Apesar de a literatura vigente indicar que o sexo feminino apresenta um melhor desempenho mnésico em diversos domínios e serem testemunhas oculares mais precisas e assertivas, e consequentemente mais confiáveis (Areh, 2011; Lindholm & Christianson, 1998), a literatura indica também que não se pode considerar a existência de diferenças entre sexos no que respeita à produção de FM, sendo apenas possível predizer quem apresenta um melhor ou pior desempenho em determinadas tarefas mnésicas (Jelin, 2002; Loftus et al., 1987).

Seguidamente, e de forma adicional à hipótese apresentada, procurou-se avaliar se existiam possíveis diferenças entre o stress apresentado por ambos os sexos para a produção de FM, verificando-se que tanto homens como mulheres experienciam níveis semelhantes de stress, daí não haver diferenças estatisticamente significativas entre ambos. Estes resultados sugerem que as conclusões acerca da temática ainda permanecem discordantes, na medida em que alguns estudos reportam que o stress é um dos principais inimigos da memória, uma vez que níveis mais elevados de stress podem limitar os processos que constituem a memória, mais concretamente a etapa da codificação, podendo gerar erros no processamento da informação e gerar falhas na recuperação da informação (Deffenbacher, Bornstein, Penrod & McGorty, 2004). Contrariamente, a literatura tem também demonstrado que, a recordação de eventos stressantes pode ser bastante precisa, com recurso a detalhes legítimos, aumentando assim a memória das testemunhas/vítimas (Bohleber, 2007; Talarico & Rubin, 2003).

O facto de os sexos masculino e feminino apresentarem semelhanças ao nível do stresse e não apresentarem diferenças na criação de FM, pode indicar que existem outros fatores que podem estar a atenuar as diferenças entre os sexos.

No que concerne aos questionários sobre os vídeos, foi possível verificar quais as questões que apresentaram mais erros por parte dos participantes. Contrariamente ao expectável, as questões que apresentavam informação enganosa por forma a incitar os sujeitos em erro, foram as que exibiram menos erros por parte dos participantes. Desta forma, pode concluir-se que os erros induzidos, provenientes das questões enganosas, foram menores comparativamente aos erros espontâneos, podendo estes últimos ter urgido de fatores intrínsecos aos sujeitos, nomeadamente, de possíveis falhas na codificação, armazenamento ou recuperação da informação apresentada nos vídeos (McDermott & Roediger, 2018), ou podem ter surgido pelo simples facto de a questão enganosa não ter sido suficientemente robusta para “enganar” os participantes.

No entanto, verificou-se que, tanto no vídeo de crime como no neutro, as questões enganosas foram as que obtiveram maior número de respostas “não sei”, comparativamente às restantes questões. Esta opção de resposta permite aos sujeitos não facultarem a resposta errada, sendo esta uma omissão de compromisso, no entanto revela incerteza por parte dos sujeitos, denotando-se alguma possível interferência por parte da informação enganosa. De acordo com o Paradigma da Falsa Informação ou Sugestão, o recurso a técnicas sugestivas (implementação de informação contrária ao evento através da sugestão) pode gerar uma resposta em concordância com a informação falsa, motivando a implementação de FM (Loftus & Palmer, 1974), o que não se verificou na questão com informação enganosa.

A presente investigação assume-se como uma mais valia em contexto forense, na medida em que permite um melhor entendimento da memória, bem como dos fatores que podem interferir na mesma, perante eventos de crime e, consequentemente, podem afetar o

testemunho humano. Com o controlo destas variáveis espera-se uma diminuição dos erros aquando da tomada de decisão com base no testemunho em contexto judicial.

Conclusão

A Psicologia do Testemunho assume-se como uma área que em muito tem contribuído no campo da justiça, na medida em que o testemunho humano é encarado como uma característica determinante no contexto penal. Desta forma, muitos têm sido os esforços em avaliar os fatores que podem influenciar/afetar a veracidade do relato das testemunhas/vítimas (Carvalho, 2016). Muitos têm sido os estudos desenvolvidos nesta área, no entanto, ainda se regista a ocorrência de condenações indevidas de inocentes e absolvição de culpados. Neste sentido, considerou-se pertinente a introdução de variáveis de relevo como a criatividade, o sexo e os níveis de stresse por forma a avaliar se estas podem conduzir à criação de FM. O sexo e os níveis de stresse têm já sido alvo de investigação no âmbito da Psicologia Forense (Areh, 2011; Bauste & Ferraro, 2004; Christianson, 1992; Lindholm & Christianson, 1998; Sauerland et al., 2016), contudo a criatividade revela-se um fator inovador nestas linhas de investigação.

Os resultados encontrados demonstram que a natureza do evento tem influência na criação de FM, sendo os eventos mais stressantes os que mais potenciam a criação de FM. No entanto, os restantes resultados indicam que a criatividade não apresenta interferência na criação de FM e que o número de FM não depende do sexo dos participantes, no entanto, torna-se necessário realizar mais estudos que comprovem ou refutem estes resultados, na medida em que a introdução destas variáveis em contexto forense ainda se assume como algo recente e inovador.

Após a concretização do presente estudo, foi possível denotar a presença de algumas limitações que, futuramente seriam necessárias ter em consideração, por forma a aprimorar os resultados/conclusões obtidos em investigações futuras.

Neste sentido, a primeira limitação prende-se com o facto de se ter recorrido a uma escala subjetiva para avaliar o nível de stresse dos participantes. Em estudos futuros seria importante o recurso a registos psicofisiológicos enquanto os participantes são induzidos em

stress para avaliar o stress real sentido pelos participantes, em vez do stress percebido pelos mesmos que por vezes pode não corresponder à realidade e, por conseguinte, os dados obtidos serem menos concretos.

Outra das possíveis limitações encontradas neste estudo deve-se ao facto de, na tarefa experimental, os participantes terem sido submetidos à visualização de um vídeo de crime, o que pode influenciar os resultados encontrados, na medida em que os participantes não foram expostos a uma situação inteiramente naturalística, o que pode produzir diferenças na performance (visualizar vídeos vs. assistir a um crime), sendo que no futuro, para resultados mais precisos, seria uma mais valia o recurso a materiais mais próximos da realidade.

A escala utilizada para avaliar a criatividade também pode ter sido limitadora nos resultados obtidos, na medida em que se deve atender às múltiplas formas da criatividade e às diversas produções criativas por parte dos sujeitos. No futuro, seria vantajoso o recurso a uma escala multidimensional para avaliar a criatividade, que procure avaliar o máximo possível as diversas vertentes da criatividade em vez de se focar apenas num resultado único de criatividade que abranja todos os outros domínios criativos.

Uma vez que o testemunho humano evidencia erros que podem ser decisivos nas decisões judiciais, torna-se necessária a realização de estudos futuros, com recurso a outras variáveis que não as utilizadas nesta dissertação, a fim de avaliar a possível influência que estas têm na criação de FM, bem como o recurso a outros instrumentos/escalas, por forma a auferir testemunhos mais fáticos possíveis que diminuam a ocorrência de condenações de indivíduos injustamente por crimes não perpetrados, garantindo assim uma maior aproximação factual da veracidade judicial.

Referências

- Alencar, E. M. L. S., & Fleith, D. S. (2003). Contribuições teóricas recentes ao estudo da criatividade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19, 1-8. doi: 10.1590/S0102-37722003000100002.
- Alho, L., Soares, S. C., Ferreira, J., Rocha, M., Silva, C. F., & Olsson, M. J. (2015). Nosewitness identification: Effects of negative emotion. *PLOS ONE*, 10. doi: 10.1371/journal.pone.0116706.
- Almeida, L., & Nogueira, S. I. (2010). Estudo preliminar do teste Test for Creative Thinking-Drawing Production (TCT-DP). *Psychologica*, 52, 193-210.
- Almeida, L., Nogueira, S. I., Jesus, A. L., & Mimoso, T. (2013). Valores de criatividade em trabalhadores portugueses. *Estudos de Psicologia*, 30(3), 425-435. doi: 10.1590/S0103-166X2013000300012.
- Almeida, L., & Nogueira, S. I. (2016). Criatividade e estilos de pensar e criar em futuros gestores músicos e arquitetos. *Estudos de Psicologia*, 33(3), 477-488. doi: 10.1590/1982-02752016000300011.
- Alves, C. M., & Lopes, E. J. (2007). Falsas Memórias: questões teórico-metodológicas. *Paidéia*, 17(36), 45-56. doi: 10.1590/S0103-863X2007000100005.
- Ambrosio, G. (2010). Psicologia do testemunho. *Revista de Direito Econômico e Socioambiental*, 1(2), 395-407. doi: 10.7213/rev.dir.econ.socioambiental.01.002.AO08.
- Andreano, J. M., & Cahill, L. (2009). Sex influences on the neurobiology of learning and memory. *Learning & Memory*, 16(4), 248-266. doi: 10.1101/lm.918309.
- Areh, I. (2011). Gender-related differences in eyewitness testimony. *Personality and Individual Differences*, 50(5), 559-563. doi: 10.1016/j.paid.2010.11.027.

- Atkinson, R. C., & Shiffrin, R. M. (1968). Human memory: A proposed system and its control processes. *Psychology of Learning and Motivation*, 2, 89-195. doi: 10.1016/S0079-7421(08)60422-3.
- Balola, M., & Cláudio, V. (2014) Memórias autobiográficas em adultos idosos. *Psychology, Community & Health*, 3, 50-61. doi:10.5964/pch.v3i1.78.
- Bartlett, F. C. (1932). *Remembering: A study in experimental and social psychology*. London: Cambridge University Press.
- Bauste, G., & Ferraro, F. R. (2004). Gender differences in false memory production. *Current Psychology*, 23(3), 238-244. doi: 10.1007/s12144-004-1023-0.
- Becker M. A. A., Roazzi, A., Madeira, M. J. P., Arend, I., Schneider, D., Wainberg, L., & Souza, B. C. (2001). Estudo exploratório da conceitualização de criatividade em estudantes universitários. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(3), 571-579. doi: 10.1590/S0102-79722001000300012.
- Bloise, S. M., & Johnson, M. K. (2007). Memory for emotional and neutral information: Gender and individual differences in emotional sensitivity. *Memory*, 15(2), 192-204. doi:10.1080/09658210701204456.
- Bohleber, W. (2007). Recordação, trauma e memória coletiva: a luta pela recordação em psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41, 154-175.
- Brainerd, C. J., & Reyna, V. F. (2005). *The science of false memory*. New York: Oxford University Press. doi: 10.1093/acprof:oso/9780195154054.001.0001.
- Brust, P. G., & Stein, L. M. (2012). Memória para eventos emocionais: o papel do momento da testagem e do tipo de teste. *Universitas Psychologica*, 11, 79-90. doi: 10.11144/Javeriana.upsy11-1.meep.
- Callegaro, M. M. (2005). A construção de falsas memórias. *Neurociências*, 2(3), 144-150.

- Campos, K. C. L., & Largura, W. A. N. (2000). Criatividade na formação de psicólogos: Percepção de alunos. *Psicologia Escolar e Educacional*, 4(2), 11-19. doi: 10.1590/S1413-85572000000200002.
- Carvalho, C. F. R. (2016). *As motivações ajurídicas do sentenciar: a verdade e a mentira*. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Christianson, S. A., & Loftus, E. F. (1991). Remembering emotional events: The fate of detailed information. *Cognition and Memory*, 5(2), 81–108. doi: 10.1080/02699939108411027.
- Christianson, S. A. (1992). Emotional Stress and Eyewitness Memory: A Critical Review. *Psychological Bulletin*, 112(2), 284-309. doi: 10.1037/0033-2909.112.2.284.
- Costa, M. C. P. (2011). *Diferenças no acesso mnésico a memórias genéricas, episódicas e autobiográficas em crianças*. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade do Minho, Minho.
- Dacey, J. (1999). Concepts of creativity: A history. In M. Runco, & S. Pritzker (Eds.). *Encyclopedia of Creativity* (pp. 309-322). San Diego: Academic Press.
- Davis, G. A (1999). Barriers to creativity and creative attitudes. In M. Runco, & S. Pritzker (Eds.). *Encyclopedia of Creativity* (pp. 165-174). San Diego: Academic Press.
- Deffenbacher, K. A. (1994). Effects of arousal on everyday memory. *Human Performance*, 7(2), 141 -161. doi: 10.1207/s15327043hup0702_3.
- Deffenbacher, K. A., Bornstein, B. H., Penrod, S. D., & McGorty, E. K. (2004). A meta-analytic review of the effects of high stress on eyewitness memory. *Law and human behavior*, 28(6), 687-706. doi: 10.1007/s10979-004-0565-x.

- Dewhurst, S. A., Thorley, C., Hammond, E. R., & Ormerod, T. C. (2011). Convergent, but not divergent, thinking predicts susceptibility to associative memory illusions. *Personality and Individual Differences*, 51, 73-76. doi: 10.1016/j.paid.2011.03.018.
- Dias, L. B. T., & Fernandez, J. L. (2011). Neuropsicologia do desenvolvimento da memória: da pré-escola ao período escolar. *Revista Neuropsicologia Latinoamericana*, 3, 19-26. doi: 10.5579/rnl.2011.0061.
- Faria, A. L., Pinho, M. S., Gonçalves, M. T., & Pandeirada, J. N. S. (2009). A memória adaptativa: Vantagem do processamento de sobrevivência no defeito cognitivo ligeiro (DCL Amnésico). *Psicologia, Educação e Cultura*, 13(2), 197-214.
- Ferreira, B. G. (2016). *Psicologia do testemunho: Nos trilhos da mentira em busca da verdade*. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Frank, J., & Fernandez, J. L. (2006). Rememoração, subjetividade e as bases neurais da memória autobiográfica. *Psicologia Clínica*, 18, 35-47. doi: 10.1590/S0103-56652006000100004.
- Garcês, S., Pocinho, M., Jesus, S. N., & Viseu, J. (2016). The impact of the creative environment on the creative person, process, and product. *Avaliação psicológica*, 15(2), 169-176. doi: 10.15689/ap.2016.1502.05.
- García, E. G. (2018). *Somos a nossa memória: Recordar e esquecer*. Portugal: Atlântico Press.
- Gomes, J. F. S., Rodrigues, A. F., & Veloso, A. (2016). Regresso às origens: A importância do indivíduo na criatividade nas organizações. *Revista de Administração Contemporânea*, 20(5), 568-589. doi: 10.1590/1982-7849rac2016150096.
- Herlitz, A., & Rehman, J. (2008). Sex differences in episodic memory. *Current Directions in Psychological Science*, 17, 52-56. doi: 10.1111/j.1467-8721.2008.00547.x.

- Houston, K. A., Clifford, B. R., Phillips, L. H., & Memon, A. (2013). The emotional eyewitness: The effects of emotion on specific aspects of eyewitness recall and recognition performance. *Emotion*, 13, 118-128. doi: 10.1037/a0029220.
- Hyman, I. E., & Billings Jr, F. J. (1998). Individual differences and the creation of false childhood memories. *Memory*, 6, 1-20. doi: 10.1080/741941598.
- Jelin, E. (2002). Los trabajos de la memoria. Espanha: Siglo veintiuno de españa editores.
- Johnson, M. K., Hashtroudi, S., & Lindsay, D. S. (1993). Source monitoring. *Psychological Bulletin*, 114, 3-28.
- Kertzman, S., Aladjem, Z., Milo, R., Ben-Nahum, Z., Birger, M., Grinspan, H., Weizman, A., & Kotler, M. (2004). The utility of the Visual Analogue Scale for the assessment of depressive mood in cognitively impaired patients. *International Journal of Geriatric Psychiatry*, 19(8), 789-796. doi:10.1002/gps.1141.
- Lindholm, T., & Christianson, S. A. (1998). Gender effects in eyewitness accounts of a violent crime. *Psychology, Crime and Law*, 4(4), 323-339. doi: 10.1080/10683169808401763.
- Loftus, E. F., & Palmer, J. C. (1974). Reconstruction of automobile destruction: An example of the interaction between language and memory. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 13(5), 585-589. doi: 10.1016/S0022-5371(74)80011-3.
- Loftus, E. F. (1979). Eyewitness testimony. Cambridge, M. A.: Harvard University Press.
- Loftus, E. F., Banaji, M. R., Schooler, J. W., & Foster, R. A. (1987). Who remembers what?: Gender differences in memory. *Michigan Quarterly Review*, 26, 64-85.
- Loftus, E. F., Loftus, G. R., & Messo, J. (1987). Some facts about “weapon focus”. *Law and Human Behaviour*, 11, 55-62. doi: 10.1007/BF01044839.
- Loftus, E. F., & Pickrell, J. E. (1995). The formation of false memories. *Psychiatric Annals*, 25(12), 720-725.
- Loftus, E. F. (1997). Creating false memories. *Scientific American*, 277(3), 70-75.

- Manita, C., & Machado, C. (2012). A psicologia forense em Portugal – novos rumos na consolidação da relação com o sistema de justiça. *Análise Psicológica*, 30(1-2), 15-32.
- McDermott, K. B., & Roediger, H. L. (2018). Memory (encoding, storage, retrieval). In Butler, A. (2018). *General Psychology FA18* (pp. 117-140). Noba Project: Milwaukee, OR.
- Mitchell, K. J., & Johnson, M. K. (2000). Source monitoring: Attributing mental experiences. In E. Tulving & F.I.M. Craik (Eds.). *The Oxford handbook of memory* (pp. 179-195). New York: Oxford University Press.
- Morgan III, C. A., Hazlett, G., Doran, A., Garrett, S., Hoyt, G., Thomas, P., Baranoski, M., & Southwick, S. M. (2004). Accuracy of eyewitness memory for persons encountered during exposure to highly intense stress. *International Journal of Law and Psychiatry*, 27, 265-279. doi: 10.1016/j.ijlp.2004.03.004.
- Nogueira, S. I., Almeida, L. S., & Lima, T. S. (2017). Two tracks of thought: A structural model of the Test for Creative Thinking-Drawing Production (TCT-DP). *Creativity Research Journal*, 29(2), 206-211. doi: 10.1080/10400419.2017.1303312.
- Oliveira, E. L. L., & Alencar, E. M. L. S. (2010). Criatividade e escola: Limites e possibilidades segundo gestores e orientadores educacionais. *Psicologia Escolar e Educacional*, 14(2), 245-260.
- Oliveira, H. M., & Albuquerque, P. B. (2015). Mecanismos explicativos das falsas memórias no paradigma DRM. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 28(3), 554-564. doi: 10.1590/1678-7153.201528314.
- Paulo, R. M., Albuquerque, P. B., & Bull, R. (2014). A entrevista cognitiva melhorada: Pressupostos teóricos, investigação e aplicação. *Psicologia*, 28(2), 21-30.
- Peth, J., Vossel, G., Gamer, M. (2012). Emotional arousal modulates the encoding of crime-related details and corresponding physiological responses in the Concealed Information Test. *Psychophysiology*, 49(3), 381-390. doi: 10.1111/j.1469-8986.2011.01313.x.

- Pinto, A. C. (1998). O impacto das emoções na memória: Alguns temas em análise. *Psicologia, Educação e Cultura*, 2(2), 215-240.
- Pinto, A. C. (2002). Recordações verídicas e falsas: Avaliação de alguns factores. *Psicologia, Educação e Cultura*, 6(2), 397-415.
- Reis, M. A. B. M. N. (2014). *A memória do testemunho e a influência das emoções na recolha e preservação da prova*. Dissertação de Doutoramento apresentada na Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Reyna, V. F., & Brainerd, C. J. (1995). Fuzzy-trace theory: Some foundational issues. *Learning and Individual Differences*, 7(2), 145–162. doi: 10.1016/1041-6080(95)90028-4.
- Roediger III, H. L., & McDermott, K. B. (1995). Creating False Memories: Remembering words not presented in lists. *Journal of Experimental Psychology: Learning Memory, and Cognition*, 21(4), 803-814.
- Roediger III, H. L., & McDermott, K. B. (2000). Distortions of memory. In E. Tulving, & F. I. M. Craik (Eds.). *The Oxford Handbook of Memory* (pp. 149-162). New York: Oxford University Press.
- Runco, M. A. (2004). Creativity. *Annual Review of Psychology*, 55, 657-687. doi: 10.1146/annurev.psych.55.090902.141502.
- Sakamoto, C. K. (2000). Criatividade: Uma visão integradora. *Psicologia: Teoria e Prática*, 2, 50-58.
- Santos, M. C. (2010). *Criatividade e autoconceito: Um estudo exploratório com crianças do 5º ano de escolaridade*. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.

- Saraiva, R. B., Iglesias, F., Micas, G. F., Araújo, C. P. N., Lima, C. C., & Costa, M. V. (2015). Conformidade entre testemunhas oculares: efeitos de falsas informações nos relatos criminais. *Psico-USF*, 20, 87-96. doi: 10.1590/1413-82712015200108.
- Saraiva, R. B., Souza, L., Nogueira, R., Coelho, L., & Alarcão, L. (in press). O efeito de carga emocional e intervalo de retenção na memória de testemunhas oculares. *Teoria e Pesquisa*.
- Sauerland, M., Raymaekers, L. H. C., Otgaar, H., Memon, A., Waltjen, T. T., Nivo, M., Slegers, C., Broers, N. J., & Smeets, T. (2016). Stress, stress-induced cortisol responses, and eyewitness identification performance. *Behavioral Sciences and the Law*, 34, 580-594. doi: 10.1002/bsl.2249.
- Schacter, D. L. (2012). Constructive memory: past and future. *Dialogues in clinical neuroscience*, 14, 7-18.
- Scott, A. J. (2010). *Forensic psychology*. Great Britain: Palgrave Macmillan.
- Sene, A. S., Lopes, E. J., & Rossini, J. C. (2014). Falsas memórias e tempo de reação: Estudo com o procedimento de palavras associadas. *Psychologica*, 57, 23-38.
- Simonton, D. K. (2016). Defining creativity: Don't we also need to define what is not creative?. *The journal of Creative Behavior*, 52, 80-90. doi: 10.1002/jocb.137.
- Simson, O. R. M. (2003). Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. *Augusto Guzzo Revista Acadêmica*, (6), 14-18.
- Sinico, A., & Winter, L. L. (2012). Ansiedade na performance musical: Definições, causas, sintomas, estratégias e tratamentos. *Revista do Conservatório de Música*, (5), 36-64.
- Stebly, N. M. (1992). A meta-analytic review of the weapon focus effect. *Law and Human Behavior*, 16(4), 413-424. doi: 10.1007/BF02352267.

- Stein, L. M., & Neufeld, C. B. (2001). Falsas memórias: Porque lembramos de coisas que não aconteceram? *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*, 5(2), 179-186.
- Sternberg, R. J. (2008). *Psicologia cognitiva (4ª edição)*. Porto Alegre: Artmed.
- Talarico, J. M., & Rubin, D. C. (2003). Confidence, not consistency, characterizes flashbulb memories. *Psychological science*, 14(5), 455-461. doi: 10.1111/1467-9280.02453.
- Tezci, E., Karaca, D., & Sezginsoy, B. (2008). The study of reliability and validity of creative materials. *The Turkish Online Journal of Educational Technology*, 7, 46-57.
- Tulving, E. (1972). Episodic and semantic memory. In E. Tulving & W. Donaldson. *Organization of memory* (pp. 381-402) New York: Academic Press.
- Urban, K. K., & Jellen, H. G. (1996). *Manual of Test for Creative Thinking- Drawing Production (TCT-DP)*. Amesterdão: Harcourt Test Publishers.
- Urban, K. K. (2005). Assessing creativity: The Test for Creative Thinking – Drawing Production (TCT-DP). *International Education Journal*, 6(2), 272-280.
- Zanella, A. V., & Titon, A. P. (2005). Análise da produção científica sobre criatividade em programas brasileiros de pós-graduação em psicologia (1994 - 2001). *Psicologia em estudo*, 10(2), 305-316. doi: 10.1590/S1413-73722005000200018.

APÊNDICES

Apêndice I

Questionário Vídeo Neutro

1) O homem tinha um objeto na mão?

☐

Sim

☐

Não

☐

Não sei

2) A senhora tinha o cabelo loiro comprido?

☐

Sim

☐

Não

☐

Não sei

3) O casal estava à beira mar?

☐

Sim

☐

Não

☐

Não sei

4) A t-shirt do homem era verde seco?

☐

Sim

☐

Não

☐

Não sei

5) A senhora estava com um vestido azul escuro?

☐

Sim

☐

Não

☐

Não sei

6) Existia um cão na praia?

☐

Sim

☐

Não

☐

Não sei

Questionário Víde Crime

1) O ofensor usava arma de fogo?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

2) A vítima tinha cabelo loiro?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

3) O assalto decorreu num centro comercial?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

4) A camisola do ofensor era azul escura?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

5) A vítima tinha uma saia preta?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

6) Existia uma câmara por trás do ofensor?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

ANEXOS

Anexo I

Níveis subjetivos de Stress (VAS)

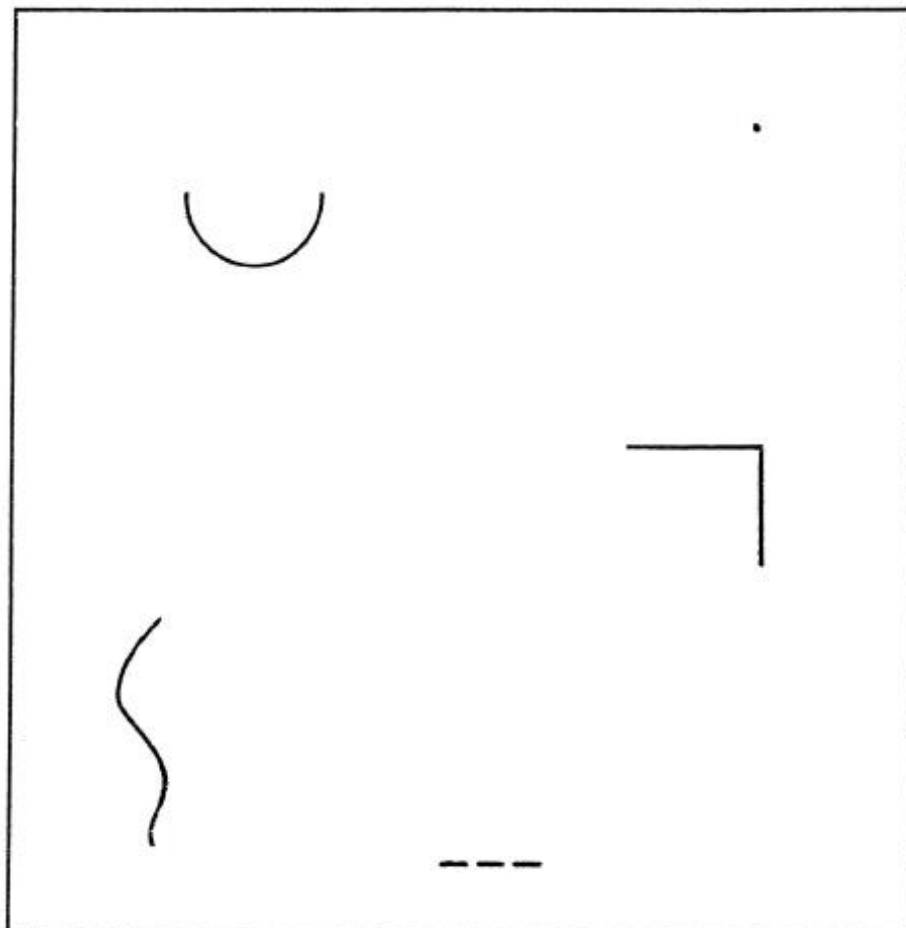
The figure displays three identical, empty Visual Analog Scales (VAS) for subjective stress levels. Each scale is represented by a horizontal line with the number '0' at the left end and '100' at the right end. There are no markings or text between the endpoints, indicating that the scales are intended for participants to draw their own stress levels.

Anexo II

Escala de criatividade - Test of Creative Thinking - Drawing Production (TCT-DP)

A
TSD-Z
TCT-DP

CA/ _____



Direitos cedidos por Klaus Urban a Sara Ibérico Nogueira e Leonor Almeida,
desde 2007, para projectos de investigação em Portugal.

Anexo III

Consentimento Informado



Caro (a) participante,

Este estudo é desenvolvido no âmbito de Dissertação de Mestrado em Psicologia Forense da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

É de salientar que a sua participação neste estudo é de caráter voluntário e, se achar necessário, poderá desistir do mesmo a qualquer momento.

Caso aceite participar no estudo, ser-lhe-á pedido que preencha uma Escala de Stresse e uma Escala de Criatividade, que responda a um Questionário Sociodemográfico, visualize um vídeo, e de seguida, responda a um questionário acerca do mesmo. O tempo de duração do estudo é de aproximadamente 30 minutos.

Caso considere que alguma das questões colocadas é demasiado intrusiva ou o faz sentir-se pouco confortável em responder, por favor sinta-se à vontade para interromper a sua participação.

Os dados recolhidos no estudo são utilizados apenas para fins académicos, sendo que a identidade dos participantes nunca será revelada.

A Orientadora deste estudo é a professora Doutora Laura Alho, docente da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Caso surja alguma dúvida relacionada com o estudo não hesite em contactar:

Laura Alho – Email: p5266@ulusofona.pt

Aceito participar ☐

Rubrica: _____

____ de _____ de _____

Grata pela sua participação!

Anexo IV

Questionário Sociodemográfico



Questionário Sociodemográfico

Pedimos agora que responda a algumas questões relativas a si. Nas questões com várias opções de resposta, escolha apenas uma única opção.

Sexo: Masculino ____ Feminino ____

Idade: _____ anos

Raça: Caucasiana ____ Negra ____ Outra _____

Nacionalidade: _____

Naturalidade: _____

Estado civil: Solteiro ____ Viúvo ____ União de facto/Casado ____

Separado/Divorçado ____ Outra opção _____

Qual o Estabelecimento de Ensino que frequenta?

Que ano frequenta? _____

Que curso frequenta? _____

Tem algum problema visual? Sim ____ Não ____

Se sim, qual? _____

Está corrigido? _____

Considera-se uma pessoa criativa? ____ Sim ____ Não

De 0 a 100, quanto é que se considera criativo/a?

0

100

Grata pela sua participação!